

A PRODUTIVIDADE LEXICAL DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA MÍDIA IMPRESSA POPULAR

Marília Pereira Mendes

Mestra em Linguística Aplicada (UFMG),
Revisora de texto, Professora universitária FIBH
mariliacecap@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho são analisadas as unidades fraseológicas encontradas na linguagem da mídia impressa popular, com o objetivo de mostrar a produtividade lexical no discurso jornalístico, mais especificamente, dos componentes fraseológicos. Analisamos a maneira como essas unidades complexas podem contribuir para o desenvolvimento da ampliação lexical qualitativa dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, considerando que tais unidades fazem parte do acervo lexical da língua portuguesa e que, portanto, devem ser apresentadas no ensino de língua materna. Discutimos o conceito das expressões idiomáticas e dos provérbios, evidenciando, sobretudo, as características básicas para o reconhecimento dessas unidades no gênero informativo. Assim, a pergunta principal que impulsionou este trabalho foi: Que tipo de análise linguística pode ser proposta para essas unidades para uma posterior aplicação na sala de aula de português, com vistas ao desenvolvimento de uma competência linguística e comunicativa, voltada para as reais necessidades dos alunos e da sociedade? Para responder a esta pergunta, neste trabalho empreendemos uma análise de um conjunto de expressões presentes na mídia impressa popular, a partir de uma perspectiva pedagógica. Ao que concluímos que tais unidades fraseológicas devem fazer parte do ensino de língua materna no ensino regular.

Palavras-chave: Unidades fraseológicas, Mídia impressa, língua materna, competência lexical.

LEXICAL PRODUCTIVITY OF IDIOMATIC EXPRESSIONS IN PRINTED POPULAR MEDIA

ABSTRACT

This study analyzes the phraseological units found in the language of popular print media, in order to show the lexical productivity in journalistic discourse, more specifically, of phraseological components. It was examined how these complex units may contribute to the development of qualitative lexical expansion of students from basic education and secondary school, considering that such units are part of the lexical collection of Portuguese language and, therefore, must be submitted in mother tongue teaching. We discuss the concept of idioms and sayings, reflecting mainly the basic characteristics for the recognition of these units in the informative genre. So, the main question that drove this study was: What kind of linguistic analysis can be proposed for these units to a later application in Portuguese classroom, with a view to the development of a linguistic and communicative competence, focused on the real needs of students and society? To answer this question, on this study we undertook an analysis of a set of expressions present in popular print media, from a pedagogical perspective. We concluded that such phraseological units should be part of mother tongue teaching in regular education.

Keywords: Phraseological units, Print media, Native language, Lexical competence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFs – Unidades fraseológicas

EIs – Expressões Idiomáticas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

IVC- Instituto Verificador de Circulação

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise das expressões idiomáticas encontradas na mídia impressa popular, no período de agosto de 2013 a dezembro de 2014. Com o objetivo de mostrar a produtividade lexical no discurso jornalístico, mais especificamente, das expressões idiomáticas. Analisamos a maneira como essas unidades complexas podem contribuir para o desenvolvimento da ampliação lexical qualitativa dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, considerando que tais unidades fazem parte do acervo lexical da língua portuguesa e que, portanto, devem ser apresentadas no ensino de língua materna.

Discutimos o conceito das expressões idiomáticas, evidenciando, sobretudo, as características básicas para o reconhecimento dessas unidades no gênero informativo. Assim, a pergunta principal que impulsionou este trabalho foi: Que tipo de análise linguística pode ser proposta para essas unidades para uma posterior aplicação na sala de aula de português, com vistas ao desenvolvimento de uma competência linguística e comunicativa, voltada para as reais necessidades dos alunos e da sociedade? Para responder a esta pergunta, neste trabalho, empreendemos uma análise de um conjunto de expressões presentes na mídia impressa popular, a partir de uma perspectiva pedagógica. Nosso *corpus* de pesquisa é composto por expressões veiculadas no gênero notícia e contempla os cadernos de Esportes, Variedades e Cidades do jornal Super.

Nossa análise discute as variações que podem ocorrer com essas estruturas e sua lexicalização por meio de critérios morfossintáticos e semânticos. O estudo fundamenta-se em princípios norteadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e também nos trabalhos de pesquisadores da Lexicologia e da Fraseologia, que evidenciam a função do ensino de português, para mostrar que essas unidades são elementos indispensáveis no desenvolvimento da competência lexical e, conseqüentemente, da competência comunicativa dos falantes.

As práticas desenvolvidas no ensino de língua portuguesa, no sentido de motivar e fundamentar novas experiências em sala de aula, ainda não são satisfatórias para garantir ao aluno a ampliação gradativa de suas potencialidades comunicativas. Em geral, as atividades de leitura propostas pelos professores de português estão centradas nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal, conforme afirma Antunes (2003). Sabemos que o desafio do professor no nosso século é estimular o desenvolvimento pessoal, social e político de seu

aluno. Para tanto, propor um estudo do léxico a partir da mídia impressa popular implica em reconhecer novos caminhos para a atividade pedagógica, considerando o jornal como material de grande importância na compreensão da leitura e do mundo. Antunes (2003, p. 28) salienta que “muitas vezes o que se lê na escola não coincide com o que se lê fora dela”. Dessa forma, ressaltamos a relevância da leitura do jornal em sala de aula e, principalmente, das atividades que podem ser propostas a partir dos gêneros discursivos que ele oferece .

Sabemos que o professor não atua sozinho no contexto de sala de aula. Documentos como o PCN têm contribuído de forma a ampliar, inovar e aperfeiçoar as práticas docentes. A elaboração e divulgação dos PCN têm contribuído de forma significativa para as mudanças na educação, tendo em vista o desenvolvimento de políticas mais consistentes e inovadoras, que privilegiam o ensino da língua na dimensão interacional e observam o aluno no seu meio social. Por ter uma base discursiva e pragmática, os PCN abordam o trabalho com o léxico na sala de aula por meio das escolhas lexicais para a ampliação do repertório lexical, o que possibilita ao aluno utilizar diversas palavras a fim de adequá-las às finalidades e especificidades de uso da língua.

Nesse sentido, é papel do professor de língua levar o aluno a saber fazer as inferências corretas ou plausíveis que um determinado texto oferece, seja por meio dos implícitos pragmáticos, seja por meio dos implícitos linguísticos, como, aliás, recomenda os PCN de língua portuguesa (BRASIL, 1998).

De acordo com os PCN (1998), é na adolescência que o aluno passa por transformações culturais, desenvolvendo comportamentos que atuam como forma de identidade. Cabe à escola, portanto, oferecer-lhe alternativas para que ele se reconheça no mundo através da linguagem.

Em geral, nos livros didáticos, os exercícios são propostos com palavras isoladas e descontextualizadas. Nos PCN, no entanto, recomenda-se que o trabalho com o léxico na sala de aula não se reduza ao estudo de uma lista de sinônimos. A proposta defende que as palavras não têm significado absoluto, mas que esses significados se constroem no processo discursivo, entre as palavras em jogo na interação discursiva, que influenciará o uso apropriado do léxico ou da sintaxe. O trabalho de compreensão/produção de textos se manifesta a partir de “uma base discursiva, onde os conteúdos diversos ganham, de modo

progressivo-recursivo, existência e sentido” (BRASIL, 2002, p. 110).

Entendemos que as unidades fraseológicas (UFS) são objetos de estudo da Fraseologia, por constituírem uma sequência livre de itens lexicais e, principalmente, por se tratar de combinações que podem ser consideradas fixas ou semi-fixas, servindo como ferramentas discursivas extremamente produtivas, embora, muitas vezes, sejam ignoradas pela gramática e pelos livros didáticos. Para analisar a ocorrência dessas UFS no jornal impresso popular, consideramos a importância dessas unidades no estudo de língua portuguesa, no intuito do desenvolvimento da competência lexical dos discentes, através da elaboração de atividades pedagógicas que contemplem a leitura e a produção escrita, como uma atividade de interação, a fim de que o leitor participe desse diálogo, ao interpretar e reconstruir os sentidos e as intenções pretendidas pelo autor.

Neste estudo, propomos contribuir para a formação de um aluno competente em sua própria língua, capaz de produzir e compreender significados através de uma linguagem de caráter transformador. Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa nas escolas encontra um grande desafio: ensinar a língua padrão, sem desprezar as demais variantes, tomando-as, da mesma forma, e com igual valor, como objeto de ensino.

REVISÃO DE LITERATURA

Sistematividade no ensino do léxico

São os professores de português que, segundo o senso comum, são os responsáveis pela riqueza e adequação vocabular dos alunos dos mais diferentes níveis. A maior parte dos livros didáticos trata do estudo do léxico como uma vertente pouco importante nos estudos da língua. Prioriza-se o ensino das funções sintáticas, classes gramaticais e interpretação de textos, sobretudo literários, como se esses não dependessem do conhecimento que o leitor tem da significação das palavras nos diversos contextos.

Percebemos, contudo, que o tratamento dado ao léxico na sala de aula é, ainda, muito superficial. Geralmente, as aulas de Português são focadas no ensino gramatical e nas habilidades comunicativo-funcionais, embora exista uma tendência de estudo e aprendizagem do léxico. O que se vê é um total despreparo para as abordagens sobre o léxico em sala de

aula, com atividades restritas e repetitivas, limitadas aos exercícios da sinonímia e da antonímia e o ensino do vocabulário é feito de forma a isolar as palavras nas frases.

Do ponto de vista de Xatara (2005), encontramos duas direções para o estudo do léxico: Onomasiologia – estuda as denominações (as palavras) – e Semasiologia – estuda as significações (as ideias). A autora observa que as unidades lexicais, muitas vezes, são constituídas pela combinação de duas unidades significativas: o lexema e o morfema, e a diferença entre elas encontra-se no fato de que os morfemas têm um número limitado e os lexemas constituem uma lista aberta, isto é, o número é muito maior que o de morfemas.

As microestruturas onomasiológicas (campos de denominações) e semasiológicas (campos de significações) apresentam a ciência do significado, enquanto relação entre as unidades lexicais (plano da expressão) e o conteúdo (plano conceitual). Trata-se de perspectivas tanto histórico-evolutivas, como pedagógicas, entre várias outras possíveis.

Para Alves (2004), a abordagem semasiológica parte do significante para chegar ao significado, focando-se em perguntas do tipo “Quais são os significados possíveis para determinada expressão?” Evidentemente, a distinção entre onomasiologia e semasiologia coloca-se como de natureza teórico-metodológica; e no ato de criação lexical, ambos os tipos de questões apresentam-se simultaneamente.

Assim, torna-se necessário dizer que a perspectiva onomasiológica parece se concentrar mais em problemas de ordem morfológica, enquanto a perspectiva semasiológica aborda questões semânticas. Acreditamos que no estudo das unidades fraseológicas, tanto a semântica quanto a morfologia estão presentes em ambas as perspectivas. Como exemplo, observamos a existência de restrições semânticas ao emprego de determinados mecanismos, conforme será apontado, bem como o recurso a noções morfológicas na distinção entre significado composicional e significado lexical.

A variação e mudança linguística no léxico

Sabemos que o Brasil é um país monolíngue e estratificado linguística e socialmente, além de possuir grande variação verbal e diversidade sociolinguística. Por razões históricas, a variedade padrão tem maior prestígio sobre as demais variedades. Para Bortoni-Ricardo

(2009), “a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 26).

Na visão de Labov (1972), o processo de socialização linguística em favor do uso da norma de prestígio tende a ser mais lento para os membros da classe média baixa, que não vão à faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam a se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Isso revela que a norma de prestígio mantém um padrão de referência que tende a influenciar no comportamento linguístico dos falantes daquela comunidade.

Para Mollica (2003), no entanto, as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem de forma isolada. Na visão de Mollica, as variáveis operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes com valor semântico equivalente. Para tal, o grau de escolarização, contato com a escrita e com os meios de comunicação de massa, e o nível socioeconômico são variantes que concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades de maior prestígio.

A concepção de certo ou errado nas práticas pedagógicas, que acatam o padrão culto como referência, acabam servindo de parâmetro na escolha do que deve ser lido e quando deve ser lido. Entretanto, é preciso lembrar que, antes de ter acesso às variantes formais pertencentes à norma culta, que são tidas como padrão, o falante adquire as variantes informais, concebidas como não padrão.

A leitura de jornais populares, por não se submeterem ao ideal de padrão culto como referência, apresentando, em grande parte dos textos, uma linguagem menos monitorada, por vezes, causa estranheza no ambiente escolar. Na concepção do que é certo ou errado, devemos atentar para a necessidade de apresentar ao aluno o estilo altamente formal, presente em léxicos especializados, tanto quanto os textos que se servem da variedade não-padrão.

Para caracterizar tais unidades, Vale (1999) observa que não existem parâmetros muito específicos, mas ressalta que as características que são tomadas como fundamentais, apontam para o nível de formalidade e para o nível semântico das expressões, dentro das quais, faz menção aos graus de fixação, às variações e à motivação:

a) Fixação formal (léxico-morfossintática): Fixação é a propriedade que têm certas expressões de ser reproduzidas no discurso como combinações previamente feitas.

b) Idiomaticidade (fixação semântica): é um traço semântico próprio de certas construções fixas, cujo sentido não se pode estabelecer a partir do significado dos elementos componentes de sua combinação.

Para este trabalho, consideramos UFS todas aquelas construções formadas por, pelo menos, dois elementos lexicais, ou seja, caracterizadas pela pluriverbalidade, e que compartilham as seguintes características:

a) Estabilidade sintático-semântica: diz respeito à fixidez e à frequência das construções, mesmo que existam graus de fixação diferentes.

b) Institucionalidade: construções fixas arraigadas na língua e que são facilmente reconhecidas pelos falantes.

Neste caso, a escolha das UFS em nosso *corpus* está relacionada ao grau de estabilidade sintático-semântica e à institucionalidade, caso específico das expressões idiomáticas.

As expressões idiomáticas

Em geral, as EIS são consideradas pluriverbais, já que apresentam o formato multinuclear e são compostas por mais de uma palavra plena. O grau de fixidez está relacionado à forma sintática desses elementos. Quanto à conotatividade, as EIS são essencialmente motivadas pela metáfora. Sabemos, contudo, que algumas expressões variam de tal forma que permitem algumas trocas em suas estruturas (permuta verbal) e admitem a forma de negação. Em outros casos, podem ser inseridos novos itens lexicais em sua composição.

Levando em consideração a contribuição de Xatara (1998), identificamos que a expressão idiomática é uma lexia complexa porque tem o formato de uma unidade locucional ou frasal; indecomponível porque constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita; conotativa porque sua interpretação semântica corresponde a, pelo menos, um primeiro nível de abstração calculada, a partir da soma de seus elementos, sem considerar os significados individuais destes; cristalizada porque sua significação é estável.

Entende-se que uma expressão idiomática “é uma unidade locucional ou frasal que constitui uma combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição bastante restrita” (XATARA; OLIVEIRA, 2002, p.57). São apresentadas como sintagmas complexos, não

possuem paradigmas, isto é, são caracterizadas pelo fator de inalterabilidade e de fixidez de seus elementos.

Considerando a expressão idiomática como uma unidade fraseológica, o significado deve ser apreendido na totalidade da UF que se tornará uma, com significado próprio e peculiar. Usando diferentes estratégias linguísticas, podemos reconhecer na criação expressiva do texto do jornal *Super Notícia*, fraseologismos idiomáticos como componentes específicos que interessam a esse estudo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A busca, extração e anotação das expressões idiomáticas no corpus

Tendo como objeto de estudo as UFS, a fraseologia tem se constituído em um amplo campo de abordagens. Para Ferraz (2010), as unidades fraseológicas compartilham algumas características como a coesão interna de seus componentes, o grau de fixidez mais ou menos elevado e a estrutura formada por mais de um componente lexical, mas também se distinguem por traços bem específicos.

O *corpus* utilizado no presente trabalho é constituído de uma amostragem representativa das unidades fraseológicas, a saber, as expressões idiomáticas, com dados coletados a partir de excertos do jornal SUPER.

Os dados do jornal *Super* colhidos por nós compreendem ao período que se estende de agosto de 2013 a dezembro de 2014. Ao analisar o corpus do *Super*, fazemos referências à Lexicologia e, em especial, ao estudo da Fraseologia, considerando as estruturas lexicais estáveis que se destacaram no jornal.

Nosso *corpus* compreende 224 unidades fraseológicas, sendo registradas 187 expressões. Em um primeiro momento ocorreu a coleta de dados do *corpus* através de excertos das notícias do jornal, tendo como propósito o trabalho com material linguístico escrito. Para tal, foram escolhidas as notícias que atendessem ao objetivo dessa pesquisa. Em seguida, foram preenchidos os quadros contendo os excertos. Os excertos foram coletados e divididos em dois blocos: o das EIs e de outras unidades.

Quanto à metodologia, nossa pesquisa, de caráter qualitativo, seguiu os seguintes

passos:

1. Leitura de textos pertinentes ao estudo e discussões teóricas, concomitantes ao levantamento das categorias das unidades fraseológicas;
2. Estabelecimento de critérios de delimitação e conceituação de UFS, conforme leituras teóricas;
3. Levantamento e caracterização das categorias de UFS, considerando o lugar específico onde cada UF foi empregada; a categoria, o significado e o contexto em que estavam inseridas no jornal.

Nesta primeira etapa, os excertos do jornal *Super* foram anotados em uma tabela, identificando-se o tipo de unidade fraseológica, presente em cada excerto. Os dados coletados foram submetidos a uma análise, que foi realizada sem a ajuda de programas computacionais, pois acreditamos que um maior contato com os dados traria maior sensibilidade à pesquisa.

Algumas questões nos guiam- uma é, por exemplo, a seguinte: é possível propor um estudo do léxico pautado nas notícias populares? Enfim, há aqui toda uma amplitude envolvida, e nosso propósito, frisamos, é de estimular o uso do jornal em sala de aula para aqueles que pretendem aventurar-se a explorar o universo lexical de um texto como o do texto do jornal popular brasileiro.

Diante do exposto acima, as seguintes hipóteses são levantadas:

Hipótese-1 Por se tratar de um jornal popular, a ocorrência de unidades fraseológicas menos estáveis poderia ser mais frequente tanto nas manchetes do jornal *Super Notícia* quanto no corpo da notícia.

Hipótese-2 Por meio de uma sistematização resultante de uma análise linguística, essas expressões podem ser aprendidas por regras, assim como ocorre com a gramática da língua-alvo, ou seja, é possível aplicar uma análise formal a esse tipo de expressão e aplicar a classificação funcional-tipológica das EIS ao ensino-aprendizagem de EIS.

Hipótese-3 Há uma flexibilidade dentro dessas expressões considerada relativamente maior nos níveis morfossintáticos e um pouco menor nos níveis semânticos.

Hipótese-4 É possível uma proposta de estudo do léxico no jornal popular-massivo que privilegie o uso da língua e não apenas o uso da terminologia gramatical normativa, com vistas ao desenvolvimento de uma competência linguística e comunicativa, voltada para as reais necessidades dos alunos e da sociedade, e, nesse sentido, destacar a importância da teoria da variação linguística, para o ensino/aprendizagem da língua.

RESULTADOS

Classificação das expressões idiomáticas no discurso jornalístico popular

No tocante à classificação das unidades fraseológicas e suas implicações sintático-semânticas, esta pesquisa deveria abranger um estudo de todas as unidades fraseológicas, tarefa que excede, naturalmente, os limites do nosso trabalho, motivo pelo qual nos detivemos em unidades que se comportam enquanto EIS, em virtude da frequência com que ocorrem no jornal *Super*.

No nível da forma, foram analisados os locais de ocorrência das UF, seguido dos parâmetros de pluriverbalidade, estabilidade sintático-semântica, permuta verbal, formas de negação e de inserção de um novo item lexical, além das restrições sintáticas. No nível do significado, foram feitas considerações com respeito ao grau de conotação e a influência da linguagem sobre o pensamento.

Os percentuais atestam a preferência pelo emprego das expressões idiomáticas nas matérias do jornal *Super*, o que parece não confirmar uma das hipóteses assumidas na pesquisa da qual resultou o estudo aqui apresentado. Das 186 expressões idiomáticas coletadas, 55,61% (104) aparecem nas manchetes das notícias; 31,55% (59) no corpo do texto e apenas 12,83% (24) aparecem na manchete e no corpo do texto. A diferença entre os percentuais de UF entre os dois grupos (EI que aparecem na manchete e EI que aparecem na manchete e no corpo do texto) é de 32,78%, ou seja, um percentual significativo, que indica que as unidades estão concentradas, em grande parte, nas manchetes e ocorrem com menor frequência no corpo do texto da notícia.

Observamos que esse resultado está relacionado à característica polifônica das manchetes, incluindo as que se encontram na capa do jornal. Partimos do pressuposto de que emergem das manchetes de jornal vozes que, necessariamente, não estão ditas na superfície linguística. A sua existência e evidência acontecem de forma subjacente ao enunciado.

Para tal, tomamos como base a teoria polifônica da enunciação, quando o enunciado passa a ser o acontecimento da frase, uma marca de um discurso ou de um fragmento de discurso. O emprego das EIS nas manchetes do jornal caracteriza esse discurso preenchido de inúmeras vozes que dialogam com nossos conhecimentos de mundo, nossos valores

internalizados pelas regras sociais, por valores ideológicos e morais. O Super parece desenvolver uma imagem de leitor que pode ser mobilizado pela afetividade que a manchete transmite, o que desencadearia o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida.

No entanto, cabe destacar, ainda, que a ocorrência das expressões idiomáticas é mais frequente nas manchetes das notícias (55,61%), pelo fato de as expressões idiomáticas, enquanto estruturas da linguagem popular, serem responsáveis pela ênfase que se dá ao fato noticiado. Por intermédio das manchetes, é possível perceber a que fatos e aspectos o jornal dá importância, de acordo com o perfil e a realidade do seu público-alvo. É característica do jornal Super dar um caráter pessoal à reportagem. Através da personalização, é possível contar a vida de alguém ou do povo, tornando a notícia próxima ao leitor. O título já aponta para a singularização, considerando que os jornalistas precisam garantir nas redações que a imprensa popular faça jornalismo e se democratize.

DISCUSSÃO

Os dados mostram que a maior parte das EIS apresentadas no nosso corpus podem ser consideradas unidades semi-fixas, ou seja, das 187 expressões analisadas, 75,93% (142) dessas EIs sofreram algum tipo de variação lexical ou de flexão verbal em sua estrutura. Ora, se o maior número das EIS encontradas no corpus são consideradas semi-fixas, o grau de fixidez dessas unidades tende a ser menor. Pelo fato de as expressões idiomáticas serem constituídas por vários elementos lexicais, elas ensejam grandes possibilidades de variação, o que relativiza a sua invariabilidade. Porém, há que se considerar que alguns casos permitem adaptações sintáticas, embora sejam variações bastante limitadas, conforme apresentado no quadro 1,

Quadro 1- Produtividade no nível sintático

Soltinha na pista

Desde que terminou com o futuro presidente da CBF, Marco Polo Del Nero, **CAROL MUNIZ ficou soltinha na pista**. Após posar para o Paparazzo então, ela tem feito ainda mais sucesso. (Jornal Super Notícia. Belo Horizonte, ano 13, 28 de novembro de 2014, p.16. Caderno de Variedades).

Estar na pista 1 Gir. Estar disponível para ficar (12) com alguém ou à procura de romance, ger. sem compromisso. Disponível em < <http://www.aulete.com.br/pista#ixzz3NKWEA75Q>> Acesso em 26 de dez.2014.

MENDES (2015)

Na composição das EIs, um item lexical pode ser substituído por outro, desde que o valor semântico seja semelhante. Trata-se da variação por permuta verbal. No nosso corpus, encontramos apenas 2 (dois) casos de permuta verbal para a unidade *sair do armário*, conforme exhibe o quadro 2:

Quadro 2- Variações das Expressões idiomáticas- Permuta verbal

TIPO DE VARIACÃO	EXEMPLOS
1. Arrombou o armário	
PERMUTA VERBAL	<p>Wentworth Miller, astro da série norte-americana “Prison Break”, assumiu ser gay em uma carta enviada para a organização do Festival de Cinema Internacional de São Petersburgo. (Jornal Super Notícia, 18/11/2014)</p>
	<p>2. Tirar o bofe do armário (Expressão livre)-Será que ela quis tirar o bofe do armário à força? (Jornal Super Notícia, 18/11/2014).</p>

MENDES (2015)

Observamos que, embora o verbo *sair* tenha sido substituído pelos verbos *tirar* e *arrombar*, conforme atestam os exemplos do quadro 3, as expressões *sair do armário* *arrombar o armário* mantêm o mesmo sentido de se libertar, quando o sujeito assume a homossexualidade. O dicionário eletrônico Caldas Aulete (2014) registra a expressão *sair do armário* como o ato de assumir a própria homossexualidade.

Tal como mostramos, a substituição da expressão *sair do armário* por novos itens lexicais-*tirar o bofe do armário* e *arrombar o armário* ganha maior expressividade, visto que *tirar* e *arrombar* são verbos que nos dão a ideia de ação concretizada pela força.

Nos casos apresentados acima, a ideia de força está subjacente ao ato de se libertar no processo de confirmação da homossexualidade. Na sua versão eletrônica, Caldas Aulete (2014) dá ao termo *arrombar*, por exemplo, o significado de romper, de usar a força na ação verbal. Verifica-se, então, que a forma *arrombar o armário* é mais enfática e mais expressiva do que *sair do armário*, embora o significado permaneça inalterado.

No caso da expressão *tirar o bofe do armário à força*, consideramos que, embora certas combinações de palavras, frente a outras combinações, que são totalmente possíveis de ocorrerem, ainda há controvérsias, no tocante à classificação de algumas colocações, caso da

expressão *tirar o bofe do armário à força*, diante da complexidade em fazer distinção entre tais estruturas. Dadas as controvérsias inerentes à classificação dessas construções, optamos por tratá-las como expressões livres.

Outro tipo de modificação parcial na estruturação dos constituintes lexicais é a variação pela forma negativa com é apresentada a EI. Em geral, esse tipo de variação acontece para melhor adequação da unidade ao discurso. No nosso *corpus*, das 187 expressões examinadas, foram encontrados apenas dois casos de variação nas formas de negação, conforme apresentado no quadro 3.

Quadro 3- Variações das Expressões idiomáticas nas diferentes formas de negação

TIPO DE VARIAÇÃO	EXEMPLOS
FORMA DE NEGAÇÃO	1. Fernandinha não dá mole (dar mole/não dar mole)
	(Jornal Super Notícia. Belo Horizonte, 10 de outubro de 2014, p.22)
	2. Não larga o osso! (largar o osso/não largar o osso)
	Até agora, o ilustre presidente da FIVB não veio a público para se explicar. Está sumido! Esse osso deve ser bom mesmo, pois esse pessoal não o larga de jeito nenhum! (Jornal Super Notícia. Belo Horizonte, 10 de outubro de 2014 p. 23).

MENDES (2015)

Com a inserção do advérbio de negação, o papel semântico-sintático liga-se ao núcleo verbal. Na classificação do advérbio de negação *não*, por exemplo, ele se pauta pelos valores léxicos das unidades que o constituem. O valor de existência que se atribui ao estado das coisas é designado pela oração negada. Nos exemplos *não dá mole/não larga o osso*, temos uma forma de negação da UF matriz (dar mole/largar o osso). Na seção seguinte, damos continuidade à discussão, considerando o acréscimo de itens lexicais às unidades.

Atentando-se para as características das unidades variáveis orientadas nos parágrafos anteriores, examinamos a possibilidade de inserção de um novo item na estrutura das EIS. Ao analisar os casos de inserção de um item lexical no corpus, observou-se que o número de ocorrências desse tipo de variação foi um número significativamente menor, embora tal variação não possa ser ignorada, pois ilustra outros tipos de variação dessas UF.

Os dados mostram que foram poucas as unidades 3% (3) que tiveram o acréscimo de

um item lexical em sua estrutura. Por outro lado, 97% (184) que não tiveram o acréscimo de um item lexical, foram as unidades que mantiveram, conseqüentemente, sua carga metafórica. No quadro 4, temos 02 (dois) exemplos desse tipo de variação.

Quadro 4-Variações das Expressões idiomáticas- Inserção de um item lexical

TIPO DE VARIACÃO	EXEMPLOS
INSERÇÃO DE UM ITEM LEXICAL	1. Técnico frisa parceria com a torcida e espera colher bons frutos na sequência.(Jornal Super Notícia,2 de novembro de 2014, p.17). 2. A população terá que arregaçar as próprias mangas . (Jornal Super Notícia. Belo Horizonte, 1 de julho de 2014, p.17).

MENDES (2015)

Na imprensa popular, um fato terá maior probabilidade de ser noticiado se possuir capacidade de entretenimento, for próximo culturalmente do leitor e puder ser simplificado, mas também se puder ser narrado dramaticamente. Dessa maneira, a linguagem empregada nas notícias do *Super* se utiliza de vários recursos para dialogar com o leitor e tornar o fato noticiado mais enfático.

Em gêneros de tipologia narrativa, a adjetivação funciona como um recurso expressivo. Os **adjetivos explicadores** destacam e acentuam uma característica inerente do objeto nomeado ou denotado, conforme vimos na seção 2.8 do capítulo 2. Nesse caso, o adjetivo pertence a um inventário aberto, tendo entre suas funções, a de **delimitador explicador**. Na expressão *colher bons frutos*, por sua vez, a inserção do adjetivo *bons* na UF, teve o mesmo efeito e a mesma função de delimitador explicador do primeiro exemplo.

As palavras são empregadas nas frases, justificando o exame de suas diferentes possibilidades combinatórias nas cadeias frasais. Na expressão **arregaçar as próprias mangas**, como exemplo, a inserção do pronome *próprias* denota identidade ao substantivo *mangas*. Ainda em Bechara (1999), observamos que a função dos pronomes *mesmo* e *próprio* tem valor demonstrativo, ao se referirem a seres e ideias já expressas anteriormente. Assim, inserir modificadores na estrutura da expressão pode retirar ou alterar sua carga metafórica, alterando seu sentido. Entretanto, nem todas as UF admitem transformações.

O fenômeno da concorrência foi observado por Palmer (1979), relacionando-o a “frases idiomáticas”. Ele ainda destaca as inúmeras restrições gramaticais e sintáticas sofridas por essas frases. Em relação às expressões idiomáticas coletadas no nosso corpus, observamos que o número de EIS que admitem modificações em suas estruturas tem sido menor do que as unidades que não permitiram modificações, conforme comprova o quadro 5.

Quadro 5- Variações das Expressões idiomáticas- Restrição sintática

TIPO DE VARIAÇÃO	EXEMPLOS
RESTRIÇÃO SINTÁTICA	<p>1. Cuca quebra a cabeça. (Jornal Super Notícia, Belo Horizonte, 13 agosto 2013, p.26).</p> <p>2. Aécio está dando um banho na presidente Dilma em Minas, segundo pesquisa Sensus que ouviu 1.500 mineiros entre os dias 25 e 29 de julho.(Jornal Super Notícia. Belo Horizonte, 11 de set. de 2013, p.23).</p>

MENDES (2015)

Perder a cabeça é uma EI que corresponde a cometer loucuras, ser imprudente. Enquanto *dar um banho* significa realizar determinada ação em abundância. Trata-se de unidades que apresentam restrições sintáticas. A forma verbal comporta-se tipicamente como um item normal da língua, sem restrições gramaticais. O mesmo não ocorre com o item nominal: (perdeu a cabeça, vai perder a cabeça/deu um banho, vai dar um banho). Observamos ainda, a possibilidade de preenchimento do sujeito: Cuca *perdeu a cabeça*, nós perdemos a cabeça, ele vai perder a cabeça. Entretanto, não podemos ter: Perdeu as cabeças, Perdemos as cabeças, ele vai perder as cabeças.

Da mesma forma em que ocorre o preenchimento de sujeito em: Aécio está *dando um banho*, nós demos um banho, ele vai dar um banho e, não, Aécio deu uns banhos, demos uns banhos. Ainda que haja a possibilidade de inserção de um sujeito, os itens nominais cabeças/banhos não são adequados para essas expressões no sentido idiomático. Como restrição sintática, observamos a impossibilidade de apassivamento: “a cabeça de cuca foi perdida”. Considerando o sentido idiomático da expressão, tal interpretação é impossível.

Desse modo, podemos dizer que as expressões consideradas fortemente conotativas estão presentes em maior número no nosso *corpus*. Para Gibbs (1993), a metáfora se faz presente nas expressões idiomáticas e funcionam como metáforas vivas. Uma vez que o

sentido figurado das expressões é motivado por várias **metáforas conceituais** que atuam no processo de compreensão dessas unidades complexas, elas estão presentes no repertório dos falantes, o que facilita sua decodificação. Pela análise dos dados na nossa pesquisa, acreditamos que grande parte das UF estão presentes no repertório dos leitores do *Super*.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentamos resultados da pesquisa de um fenômeno linguístico no jornal *Super*. Foi analisado o comportamento linguístico de um grupo de expressões idiomáticas que são empregados na linguagem do gênero notícia em um jornal popular de Belo Horizonte.

A análise se deu a partir de dados coletados no jornal *Super*, que contemplavam especialmente, as seções de Cidades, Esportes e Variedades. Apresentamos e discutimos os fatores considerados estatisticamente relevantes. A análise da variação quanto ao grau de fixidez das UFS permitiu concluir que as EIS passam por um processo de lexicalização, sendo que algumas unidades mostraram-se mais suscetíveis à modificação na estruturação de seus constituintes lexicais, ou seja, a variação no nível da forma. Das quatro hipóteses levantadas no início dessa pesquisa, apenas a primeira não se confirmou com os resultados obtidos.

Viu-se, no que diz respeito ao nível do significado, que as EIS discutidas neste estudo, apresentam um maior ou menor grau de conotação, de acordo com o contexto em que estão inseridas. Na maioria dos casos estudados, observamos que essas expressões são altamente conotativas e ainda que a estrutura morfossintática sofra modificações, a tendência é que o valor semântico seja preservado, o que comprova uma das hipóteses iniciais desse estudo: há uma flexibilidade dentro dessas expressões considerada relativamente maior no nível morfossintático e um pouco menor no nível semântico.

Conforme proposto, este trabalho discutiu, ainda, a possibilidade de um estudo do léxico a partir do *jornal Super*, que pudesse privilegiar o uso da língua e, não apenas, as regras de gramática. Concluímos que, embora essas unidades pertençam a um vasto campo de abordagens, trata-se de expressões que compartilham algumas características, mas também se distinguem por traços bem específicos, o que pode resultar na discussão de diferentes práticas

pedagógicas, que contribuam para o desenvolvimento da competência comunicativa dos nossos alunos, bem como da sua competência discursiva, o que comprova a última hipótese levantada no início desse estudo.

A ocorrência de um grande número de EIS nas notícias também levaram ao reconhecimento da importância que há em levar o jornal para a sala de aula, já que os resultados atestam para o emprego de tais unidades, especialmente, nas manchetes. Assim, torna-se relevante mostrar aos estudantes que a manchete é uma parte importante da notícia, cujo enunciado dialoga com diversos segmentos sociais, atravessado por discursos heterogêneos, assim como outras partes e outros diálogos que a mídia impressa popular produz na atualidade.

Todas essas reflexões fizeram-se necessárias para entendermos a importância da extensão do jornal popular-massivo na sociedade atual, de modo particular, do jornal *Super*, que foi objeto desse estudo. Entretanto, como um jornal popular e por se dirigir às classes menos favorecidas na escala social, o *Super* ainda continua nas mãos dos nossos alunos, mas, não na escola, que se recusa a abrir espaço para que esse tipo de jornal seja discutido, a partir de reflexões que confrontam diferentes variedades linguísticas, já que as Uf como as EIS ainda são marginalizadas no ensino de português.

A análise aqui empreendida serve como contribuição para a sala de aula, para o estudo do léxico e, também, para a sociolinguística, já que a abordagem do nosso estudo, permite perceber o lugar que cada uma das variedades linguísticas ocupa em contextos diversificados, além de chamar a atenção para o fato de que não existe um padrão único de fala, como não existe também um padrão único de escrita. Falamos ou escrevemos, com maior ou menor formalidade, dependendo do contexto e dos interlocutores para os quais falamos ou escrevemos. Concluímos que as diferenças formais com que os textos se apresentam (vocabulário, estruturação sintática, organização textual) decorrem das diferentes funções que esse texto tem a cumprir.

Enquanto ferramenta capaz de proporcionar a leitura e a reflexão dos fatos noticiados, o jornal popular também é capaz de ampliar os repertórios de informação do leitor. Acreditamos que a leitura escolar também tem espaço para o texto popular, tanto quanto para os textos que se utilizam da variedade padrão. O sentido do texto não está apenas no texto e

não está apenas no leitor. Está no texto e no leitor, conforme vimos no aporte teórico. As implicações pedagógicas relevantes propõem a leitura de textos autênticos que permitam uma leitura interativa. Na concepção deste trabalho, os textos do jornal *Super* cumprem esse quesito para que a leitura interativa, de fato, aconteça, abrindo espaço para que o estudo do léxico seja repensado no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. Neologismo Criação Lexical. São Paulo:Ática, 2004..
- ANTUNES, Irandé .Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003..
- AULETE, Caudas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Lexikon Editora Digital. 2010. Disponível em <<http://www.auletedigital.com.br/download.html>>. Acesso em 09/01/2015....
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Editora Lucema. Rio de Janeiro, RJ. 2001.
- BIDERMAN, M.T.C. "Dimensões da palavra".In Filologia e língua portuguesa, S.Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, 81-118.
- BORTONI-RICARDO. Educação em língua materna: sociolinguística em sala de aula.6 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental.Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 106 p. (PCNs 5ª a 8ªSéries).
- FERRAZ, A. P e SOUZA, K. C. O uso de expressões idiomáticas em textos publicitários. In:Maestria.Revista da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sete Lagoas. – V.1, n. 2 p.143-153(jan/jun. 2004).
- LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. Padrões Sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- VALE, O. A. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. In: Signótica 11: 163-172. Jan./Dez 1999. p. 164.
- XATARA, Cláudia Maria. Tipologia das Expressões Idiomáticas. In:Alfa. São Paulo: v. 42: p. 195-210, 1995.
- XATARA, Cláudia Maria. Dicionário de expressões idiomáticas francês-português/português-francês. Idioma, 21.Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis

Monteiro.UERJ, 2001, p. 19-22.Disponível em:http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a03.pdf. Acesso: 18 ago. 2011.